

# PISTAS PARA UMA ANTROPOLOGIA DOS EVENTOS FESTIVOS URBANOS: O CASO DE PARIS<sup>1</sup>

EMMANUELLE LALLEMENT

Université Paris-Sorbonne (Paris 4)

emmanuelle.lallement@celsa.paris-sorbonne.fr

Meus trabalhos tratam da cidade contemporânea e as operações de realização urbanística, comercial e de eventos que a constituem, às quais se associa uma reflexão epistemológica sobre as condições de produção de um saber antropológico sobre nosso mundo contemporâneo.

A reflexão sobre a cidade apoia-se em enquetes realizadas em campos representativos das mutações sociais atuais, dos novos espaços comerciais, bairros reabilitados e/ou em processo de gentrificação do centro da cidade... A partir de trabalhos de campo, trata-se de evidenciar as novas formas de sociabilidade e identidade, de descrever os “efeitos de sociedade” em acontecimento nos espaços residenciais, as formas de reagrupamentos institucionalizados ou não e de levar a sério o mundo urbano enquanto produto de múltiplas práticas, desde as operações urbanísticas aos trajetos dos que o frequentam e o discurso dos que o descrevem. Por meio de diversas enquetes referentes à reflexão sobre o que pode ser uma antropologia dos mundos urbanos – operações com vocação artística ou festiva (LALLEMENT, 2007a), bairros comerciais (LALLEMENT, CORBIL-LÉ, 2007), conjuntos de lazer (LALLEMENT, 2010a) etc. –, experimentei uma maneira de fazer antropologia urbana, em ruptura com as abordagens em vigor, que não se inscreve nem numa antropologia na cidade nem numa antropologia da cidade. Tento descrever as modalidades segundo as quais a cidade é fabricada hoje e analiso as diferentes operações realizadas por atores de diversos *status*.

Proponho-me, assim, a estudar as modalidades de representação da cidade. Como o modelo urbano serve agora de referência, negativa ou positiva,

---

<sup>1</sup> Traduzido do francês por Igor Catalão. Revisão da tradução: Paul Claval.

em diversas operações simbólicas que, de múltiplas maneiras, visam a “fazer cidade”? Como se fabrica a identidade local, como as diferenças étnicas são tratadas? Essa orientação permite, de um lado, abordar os fenômenos urbanos em toda sua complexidade. De outro lado, essa perspectiva leva em conta, para cada campo estudado, todos os atores que estão implicados, sob um título ou outro, na produção da situação. Aqui, não se trata mais de distinguir, por um lado, o que revelaria as práticas sociais dos indivíduos e, por outro, o que revelaria as operações urbanísticas e/ou arquiteturais, comunicacionais, políticas. Mas significa, ao contrário, considerar toda situação como fruto de operações, interações e comportamentos de um conjunto de atores, institucionais ou não, individuais e coletivos, usuários e criadores. É com esse projeto intelectual que estudei situações urbanas como operações eventuais (*Paris Plage*, LALLEMENT, 2007b, 2008), espaços comerciais (*Barbès*, LALLEMENT, 2010b), problemáticas residenciais (zonas de pavilhões)... Nessa perspectiva, não se trata mais de estudar fenômenos marginais mas, antes, de analisar os lugares centrais de nossa sociedade: espaços de *habitat*, espaços comerciais, espaços de trabalho, espaços de lazer... Pode tratar-se da reabilitação de antigos bairros, da criação de novos, de operações de *mise en scène* festiva e efêmera que, por seu caractere eventual, produzem efeitos de cidade particulares.

O exemplo do estudo que realizei sobre os eventos festivos urbanos permite analisar certas modalidades segundo as quais se fabrica a cidade hoje e ilustra o tipo de *démarche* de pesquisa realizada: escolha de observar as situações significativas das mutações sociais atuais e concepção da hipótese segundo a qual o mundo urbano é produto de múltiplas práticas impetradas por atores de *status* diversos (políticos, urbanistas, habitantes, turistas, associações...).

*Paris Plage* [Paris Praia], as *Nuits Blanches* [Noites Brancas], a *Fête de la Musique* [Festa da Música]: há alguns anos, Paris tornou-se efetivamente a cena de operações festivas ditas “populares e conviviais” que agem sobre o princípio de tornar acessíveis os lugares fechados e/ou interditados e de transmutar espaços de sua vocação ou de sua funcionalidade primeira para fazer deles, no tempo de uma *soirée*, de uma noite, de um verão, outra coisa que não o que eles são, às vezes mesmo, precisamente, o que eles não podem comumente ser. Assim, a rua torna-se lugar de *show* amador, os cortejos fúnebres são transformados em lugares de exposição de arte contemporânea, as margens do Sena mutam-se em praia... Avento a hipótese de que essas operações, cada vez mais numerosas e

recorrentes, simultaneamente eventuais e bem ancoradas na vida dos cidadãos, participam dos processos de produção da cidade hoje, segundo modalidades que o antropólogo deve descrever.

Certamente, nem todas essas operações são semelhantes e cada uma delas tem sua história, seu elo com as políticas culturais, suas condições de elaboração e de desenvolvimento e seus participantes. Porém, não podemos ignorar que o número dessas manifestações é crescente e que o número de cidades concernidas por esse tipo de evento é sempre maior. Cada vez mais, na França e alhures, organizam-se eventos que misturam ambições culturais (a cultura contemporânea ou o patrimônio cultural acessível), políticas públicas urbanas (requalificação dos espaços urbanos existentes, renovação urbana) e objetivos ditos sociais (elo social, convivibilidade, mistura...). De igual modo, essas operações aparecem como sucesso do ponto de vista da frequência. É feito e retomado, na imprensa, o registro do número de visitantes, sempre maior (por exemplo, nas *Nuits Blanches* passou-se de 500.000 visitantes no primeiro ano a 2 milhões em 2006), do número de lugares abertos, da quantidade de horas nas filas de espera... Enfim, todos esses acontecimentos conheceram uma expansão fulgurante: a *Fête de la Musique* passou a ser organizada, a partir de seu segundo ano, em todas as cidades da França e mesmo além; *Paris Plage* foi copiada imediatamente no interior e no exterior; as *Nuits Blanches* parisienses foram rapidamente exportadas para Roma. É então possível apostar que todas essas operações têm algo em comum, elas apresentam uma mesma lógica que é preciso expor.

Esses eventos, cada um a sua maneira, repousam sobre uma lógica performativa: cria-se outra maneira de ser/estar na cidade pelo transvio organizado, coletivo e festivo dos lugares. Faz-se, assim, certa cidade tornando-a o que ela, por definição, não pode ser. Ela é instituída pela convocação do que ela não pode ser.

Levar a sério, de um ponto de vista antropológico, a operação *Paris Plage* permite dar-se conta dessa dimensão. Esse evento iniciado pelo prefeito de Paris não é um simples espaço funcional que oferece a seus usuários um lugar e atividades de descontração e lazer. Destinada aos parisienses, aos habitantes da região *Île-de-France* e, mais amplamente, “aos que não saem de férias”, bem como aos turistas, “em um espírito popular, festivo, cívico e convivial”, ela é fruto de um trabalho cenográfico que propaga a requalificação urbana em tor-

no da ideia de *mixité* social e apropriação do espaço coletivo. Além disso, *Paris Plage* não é apenas um simples *décor*. Cada um reconhece nela um dispositivo de *mise en scène* e a constitui enquanto tal. Estar na *Paris Plage* é estar no espetáculo, mas também fazer o espetáculo. Circula-se em trajas leves, estende-se uma toalha de banho, faz-se um piquenique. Cada um se apresenta voluntariamente ao jogo. Uma das maneiras de participar desse evento é também comentá-lo e constituí-lo como evento: discursos oficiais e midiáticos, discursos tanto dos contrários quanto dos adeptos, dos presentes como dos ausentes.

E se é instaurado na *Paris Plage* um tipo de via pública é porque todo o mundo concorda com uma mesma operação: desviar, por um tempo dado, um espaço que habitualmente não pertence a ninguém senão ao tráfico automotivo. O prazer é, pois, aquele da transgressão. A eficácia do dispositivo repousa sobre o acordo implícito de todos para operar esse desvio e fabricar, assim, um momento efêmero de encantamento social. Realiza-se uma cena um pouco como no teatro. E no palco representa-se “estar na praia”. Eis o que autoriza as relações sociais diferentes daquelas que regem a vida comum. Ademais, na *Paris Plage*, o evento ganha sentido na diferença em relação ao que justifica comumente a aglomeração de indivíduos numa praia: o mar. Ninguém é, obviamente, inconsciente dessa ausência. Ir à *Paris Plage* é ir a um lugar que não é, de fato, uma praia, nem tampouco a cidade. Encenar uma praia em Paris – isto é, uma cidade em que, para ser exato, o mar está ausente – é uma maneira de instaurar uma cidade particular, uma nova Paris, que não seria apenas uma justaposição de bairros e espaços segregados, mas uma Paris “boa menina e convival”, segundo expressão consagrada, uma cidade onde “todos os lugares seriam de todos”. No mundo de “a cidade é nossa”, tomariam posse, de maneira efêmera, todos os lugares, mesmo e sobretudo os mais insólitos e inesperados.

A comparação com outros eventos festivos urbanos, como a *Fête de la Musique* ou ainda as *Nuits Blanches*, permite confirmar a hipótese da retórica atual da reconquista da cidade pelo efêmero festivo e/ou artístico. A cidade parece ser fabricada, notadamente, por meio do controle dos poderes públicos sobre os artistas (mas também sobre os turistas), a partir de modos de ocupação eventuais efêmeros que tornam acessíveis os lugares e produzem, desse modo, momentos estéticos de suspensão. Como se um novo regime de valorização da cidade pelo que ela não pode ser emergisse e isso sob a forma de realizações culturais e/ou festivas. É o que, sem dúvida, permite compreender o fenômeno de interven-

ção crescente dos artistas na cidade; *designers*, *performers*, cenógrafos, talvez em detrimento de arquitetos mais inclinados à construção que ao desvio. Os artistas na ou da cidade, diferentemente dos arquitetos, propõem a ideia de que o potencial de uma cidade está sempre aí e espera apenas para ser revelado pelo intermédio de uma inversão lúdica, festiva ou cultural dos lugares. A exemplo da *Pont Neuf* [Ponte Nova] embrulhada pelo artista Christo, em 1985, inaugurando a transformação de monumentos em acontecimentos, aqueles de matéria ou suporte dos quais se pode fazer uma obra efêmera. Quando das *Nuits Blanches*, Paris delimita-se por instalações, performances, obras efêmeras, de tal forma que é a cidade mesma que se torna, de algum modo, uma performance, talvez uma obra, porém com datas fixas.

Esboça-se, assim, uma Paris na qual não há apenas habitantes passivos e espectadores, uma cidade museu ou uma cidade *décor*, mas uma cidade em que cada um seria, de alguma maneira, redescobridor; uma cidade que seria uma série de territórios a reencontrar e a reconquistar, um espaço do qual se deveria tomar posse por meio das operações de transgressão, de ocupação pontual e de aglomeração sob um modo lúdico e festivo.

Recebido em: 07/02/2011

Aceito em: 07/03/2011

**RÉFÉRENCES/REFERÊNCIAS**

LALLEMENT, Emmanuelle. Événements en ville, événements de ville: approche anthropologique des nouvelles ritualités urbaines. *Communication & Organisation*, n. 32 (La ville dans tous les sens), p. 26-38, juil./déc., 2007a.

\_\_\_\_\_. Célébrer un objet absent. L'opération Paris Plage. In: DEBARY, Octave; TURGEON, Laurier (Éd.). *Objets et mémoires*. Paris: Éditions de la MSH/CELAT, 2007b.

\_\_\_\_\_. Paris Plage: une fausse plage pour une vraie ville ? *Géographie et Cultures*, Paris, n. 67 (La plage : un territoire atypique), mai. 2009.

\_\_\_\_\_. Pique-niquer. *Urbanisme – villes, sociétés, cultures*, Paris, n. 370 (Dossier Petits riens urbains), janv./fév., 2010a.

\_\_\_\_\_. *La ville marchande*: enquête à Barbès. Paris: Téraèdre, 2010b.

LALLEMENT, Emmanuelle; CORBILLÉ, Sophie. Quand le commerce fait la ville. In: COLLECTIF BELIN (Éd.). *Paris sous l'œil des chercheurs*. Paris: Belin, 2007.